

II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

Da referência identitária à multiplicidade: por uma militância da diferença.

Grillo, Felipe.

Cita:

Grillo, Felipe (2010). *Da referência identitária à multiplicidade: por uma militância da diferença*. II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-031/600>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eWpa/Bvh>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

DA REFERÊNCIA IDENTITÁRIA À MULTIPLICIDADE: POR UMA MILITÂNCIA DA DIFERENÇA

Grillo, Felipe

Universidade Gama Filho. Brasil

RESUMEN

O presente trabalho tem como objetivo descrever e problematizar a dimensão visível e invisível da guerra de identidades sexuais e suas conseqüências em termos de produção de subjetividade, refletindo, em seguida, a possibilidade da emergência de uma militância da diferença. A reflexão em questão busca um deslocamento da discussão do binômio heterossexual/homossexual para dentro do próprio grupo de pessoas que praticam uma sexualidade não-convencional. Como material ilustrativo e complementar da pesquisa bibliográfica foi realizado um estudo de caso mediante entrevista semi-dirigida com um militante do Grupo Arco-Íris, instituição de luta pelos direitos de lésbicas, gueis, bissexuais e transgêneros (LGBT), localizada na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho utiliza como referência teórica os pensadores da Diferença, dentre eles, Michael Foucault, Gilles Deleuze, Judith Butler e Suely Rolnik. Sobre a história do movimento LGBT brasileiro, tomou-se como principal referência o autor João Silvério Trevisan. Nas considerações finais, a sustentação do paradoxo: a permanência da referência identitária em convívio com a sua problematização e a possibilidade do advento de outras lógicas além do binarismo oposicionista. Uma lógica do múltiplo, onde conviviam ideias as mais contraditórias possíveis. Essa atitude é o que caracterizaria, portanto, uma militância da diferença.

Palabras clave

Identidade Sexualidade Militância Diferença

ABSTRACT

FROM IDENTITY REFERENCE TO THE MULTIPLICITY:
FOR A MILITANCY OF THE DIFFERENCE

This paper aims to describe and discuss the level of visible and invisible war of sexual identities and their consequences in terms of production of subjectivity, reflecting, then the possibility of the emergence of a militancy of the difference. The discussion in question seeks a shift of the discussion of the binomial heterosexual/homosexual himself into the group of people who practice a non-conventional sexuality. As illustrative material and complementary to the literature search was conducted a case study through semi-directed with a militant group Arco-Íris, institution fighting for the rights of lesbian, gay, bisexual and transgender (LGBT), located in Rio de Janeiro. The work uses as a reference theoretical thinkers of difference, among them Michel Foucault, Gilles Deleuze, Judith Butler and Suely Rolnik. On the history of the LGBT movement in Brazil, was taken as main reference the author João Silvério Trevisan. At last, the support of the paradox: the permanence of identity reference to living with its problematization and the possibility of the advent of other logic beyond the binary opposition. A logic of multiple, living where the most contradictory ideas as possible. This attitude is what characterizes, therefore, a militancy of the difference.

Key words

Identity Sexuality Militancy Difference

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu do desejo de conhecer mais sobre as conseqüências da fixação numa referência identitária, após a leitura de alguns artigos da psicanalista Suely Rolnik. Segundo a autora, os “toxicômanos de identidade” (Rolnik, 1997a, p. 19) são subjetividades viciadas na identidade, este produto da modernidade que perdura em tempos de globalização, como fuga do vazio de sentido provocado pela “dissolução das figuras em que se reconhecem a cada momento” (Rolnik, op.cit., p. 24).

Um outro modo de subjetivação seria aquele onde, ao contrário de um mal-estar frente à movimentação intensa das forças, existiria uma disponibilidade para a “infinidade da produção de diferenças” (Rolnik, 1996, p. 2). Tomando como referência o Modernismo brasileiro, Rolnik (1996) intitula de *antropofágico* o processo ininterrupto de composição destas forças, que não cansa de devorar e engendrar figuras identitárias. O “grau de abertura para a antropofagia” (Rolnik, op.cit., p. 5) é o quanto estas subjetividades suportam a hibridação resultante do encontro com estes fluxos atualmente tão intensos.

Neste sentido, Rolnik (1997a) sugere o combate à referência identitária e à lógica binária oposicionista que a acompanha, visíveis num plano macropolítico através das históricas guerras entre sexos, etnia, classe, gerações, etc. Portanto, sair de uma luta do *entre identidades* para uma luta *às identidades*.

O que se pretendeu com este trabalho foi alocar esta discussão no âmbito exclusivo das identidades sexuais, sem, no entanto, permanecer discorrendo sobre aquilo que já se considerava demasiadamente debatido: o preconceito sofrido pela população LGBT[i]. Assim, o objetivo era deslocar a problemática para dentro dos próprios grupos que lutam pelos direitos da referida população, propondo uma reflexão sobre as conseqüências na fixação identitária para a continuidade de sua luta.

Portanto, a problemática deste trabalho é centrada tanto na referência identitária e na lógica binária oposicionista que juntas parecem boicotar a possibilidade de emergência de outra lógica: a da multiplicidade. Assim, a necessidade de se questionar a estabilidade de uma identidade pela qual se luta por representação. Ou ainda, a problematização da permanência dessa identidade como única inteligibilidade possível.

Como já nos indica o título do único livro da filósofa feminista Judith Butler traduzido em português, *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, a identidade de uma categoria da mulher é colocada na berlinda como algo que perpetuaria a mesma lógica dominante pela qual se acreditaria lutar contra. Afinal, o que é ser mulher? Haveria uma *categoria* das mulheres? Lutando por uma classe de mulher não estaríamos, portanto, reforçando uma identidade que de longe é única? Em termos da homossexualidade, estaríamos perpetuando a mesma lógica médica classificatória patologizante? Não estaríamos reforçando a segregação e, mais fundamentalmente, a segregação binária da sociedade? Homens de um lado, mulheres de outro; heterossexuais de um lado, homossexuais de outro; homossexuais de um lado, transgêneros do outro; gueis[iii] de um lado, lésbicas de outros; ativos de um lado, passivos de outro, e assim por diante.

Portanto, este trabalho tem como objetivo levantar estes questionamentos sem, no entanto, ter a pretensão de uma conclusão final a respeito desse complexo tema. Aqui, a reflexão, a problematização é mais valorizada do que a busca por uma Verdade única. E é esse entendimento que nos guiaria para uma militância da diferença, onde as lógicas possíveis são passíveis de uma conviência, tendo sempre em vista o grau de suas conseqüências.

1. A DIMENSÃO VISÍVEL NO UNIVERSO LGBT

Todo esse questionamento sobre as conseqüências de se pensar a partir de uma lógica identitária quando nos referirmos aos grupos minoritários pode soar inadequado. Afinal, como questioná-la ante seus importantes resultados para um grupo de pessoas que pouco se sente protegida em termos de direitos e dignidade? Estaríamos propondo uma desconstrução ante algo que mal fora construído? Conforme Trevisan (2007) afirma, seria de fato este um debate que em nada acrescentaria à luta dos homossexuais, mas ao contrário, estaria minando sua força? Para muitos intelectuais e militantes, não.

Alexey Dodsworth Magnavita (2008), autor da reportagem *Identidade Gay e os preconceitos que cerceiam a tolerância*, quer saber se existe um “inimigo interno” ao movimento homossexual a ser combatido e para tal vai procurar respostas nos filósofos franceses pós-modernistas, Foucault e Deleuze. A partir dessa perspectiva, parte-se de uma homossexualidade que foi sendo construída e variando ao longo da história e, portanto, suscetível à transformações, rebatendo o “nasce-se gay”. Portanto, lutar por uma identidade seria lutar por um modelo, o que, segundo Deleuze, somente retardaria a nossa liberdade de vivermos como uma contínua, singular e única obra de arte. O autor alerta para o fato da “matriz hegemônica de inteligibilidade” penetrar também o universo guei, submetendo todas as relações a essa lógica dominante. Isso se torna visível na discriminação de travestis e transexuais e o desprezo pelos passivos e afeminados por alguns gueis, por exemplo. “A cartilha dita que todos sejam másculos e comportem-se bem”, escreve Magnavita, incluindo-se aí o “bom comportamento”, sinônimo de “macho que se dá o respeito”, repetindo o mesmo repúdio que ocorria na antiga sociedade greco-romana. E assim, observamos nas Paradas de Orgulho LGBT, os mesmos homens musculosos com seus óculos e roupas de marca, completamente depilados, “clones”, distantes completamente de sujeitos singulares e criativos. Como alternativa, conforme Foucault (1982 *apud* Eribon, 2008) um *tornar-se gay*, onde a palavra *gay* não seria sinônimo de uma identidade fixa e exclusiva aos gueis, mas sim de criação de modos de vida não-convencionais, expandindo a expressão, inclusive, para os heterossexuais.

Magnavita (2008) não ameniza a crítica ao escrever sobre o totalitarismo dos movimentos de militância, que, ao invés de lutarem por direitos, estariam mais preocupados em eliminar qualquer tipo de discordância. Portanto, o que se evidencia é a busca por um bom comportamento guei, que estaria relacionado à virilidade e aos tradicionais costumes de etiqueta heterossexuais. Assim, ouvimos por aí: *Ser gay, tudo bem, contanto que seja um bom moço*. Outro exemplo do uso do poder pelos militantes seria, conforme o autor, o uso do termo *homofobia*, introduzido em 1972 pelo psiquiatra George Weinberg, para classificar um “complexo emocional” que se manifestaria na violência aos homossexuais. Assim, rápido acusou-se uma série de atos e discursos como homofóbicos de forma excessiva, restando a pergunta: “[...] não seria, na verdade, uma forma de demonstrar poder?” (Magnavita, 2008, p. 20). Seria isso algum tipo de censura em relação à diferença? Estaria se lutando por direitos de uma população desprivilegiada ou por um exercício do poder e imposição de limites?

Estes e outros questionamentos se colocam para a militância homossexual como uma auto-reflexão que logra ser constante e contínua para que não se acabe caindo na armadilha da lógica heteronormativa, machista, misógina e opressora, sendo um caminho para a luta pela multiplicidade, pelo devir, pela diferença. É preciso, ao menos, tomar consciência das consequências que cada posicionamento proporciona para a luta em questão.

2. DO TEXTO AO CONTEXTO: um estudo de caso

A fim de não se limitar a um plano meramente teórico, delineou-se um estudo de caso de caráter meramente ilustrativo. A opção de realizá-lo num grupo de militantes LGBT ocorreu devido ao entendimento de que este grupo ainda trava uma luta árdua por seus direitos com a facção conservadora da sociedade e que, por isso, merece especial atenção para que não reforcem ainda mais a mesma lógica que os oprime. Repensar constantemente a forma de sua organização é uma estratégia necessária para a continuidade e sucesso de sua atuação. O grupo escolhido para a realização desta pesquisa foi o Grupo Arco-Íris dado a sua grande visibilidade midiática e, não menos, ações políticas, sendo largamente difundido entre a população LGBT.

Para se aproximar o mais fielmente da ideologia do grupo, o/a entrevistado/a deveria estar no *front* de guerra, ou seja, ocupando algum cargo de destaque dentro do grupo. O encontro com um representante guei do sexo masculino não é desprezível e faz parte dos questionamentos propostos. Tendo as informações concedidas sido consideradas eficientes e suficientes para a ilustração deste trabalho, optou-se por circunscrevê-lo a apenas este participante, deixando brecha para um futuro prolongamento do tema.

2.1. Reflexões acerca da análise dos dados

Mais que a tentativa de comprovar qualquer hipótese, a entrevista elaborada para este trabalho tinha como finalidade proporcionar uma reflexão em conjunto com o militante do Grupo Arco-Íris. Apesar da problematização explícita da referência identitária contida nas perguntas elaboradas, seu intuito era descrever e analisar o *que* e *como* pensa um participante ativo sobre a luta na qual está envolvido, propondo novos recortes sobre a mesma. A postura adotada foi justamente àquela que se considera como emblemática de uma lógica do múltiplo, ou seja, a de que podemos conviver com pensamentos diferentes sem a necessidade de uma Verdade última. Contudo, paradoxalmente, vale lembrar que essa própria lógica do “certo” ou “errado” estaria inclusa dentro do pensamento da multiplicidade, sem, no entanto, estar isenta de críticas, dadas as consequências que vem produzindo ao longo do tempo na sociedade.

Mediante a constatação de tais consequências pôde-se refletir sobre o caráter fantasístico de um “nós” LGBT; os atravessamentos, a historicidade e a complexidade dos termos identitários; a lógica de exclusão binária oposicionista expressa na dimensão visível de luta entre identidades sexuais; a necessidade ou não de um “eu” pré ou pós-discursivo como realizador de ações políticas; o mar de diferenças resultante de um Grupo formado por várias “letrinhas”; a relação entre identidade e poder; e, por fim, a possibilidade de emergência de uma militância da diferença ou multiplicidade.

Em momento algum o militante se opôs ao que lhe foi trazido como consequências de uma lógica identitária oposicionista. Ao mesmo tempo em que identifica a limitação produzida por uma política calcada em identidades, não acredita ser possível a sua quebra neste momento. Para ele, apenas o futuro trará o momento da desconstrução desse olhar. Quando questionado se o futuro não seria agora, ele responde estar plantando as devidas sementes. É também notória a paixão com que vem dedicando sua vida ao Grupo e como visiona a multiplicidade na sua caminhada. Em determinado momento, referindo-se à leis que protegem a expressão da homossexualidade em ambientes comerciais, enfatiza a inversão da mesma lei em favor dos heterossexuais, tornando-se ali um defensor da liberdade, ou seja, da convivência harmônica das cores, crenças, sexos, gêneros, idades, “etc”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obviamente, conforme todos os autores tomados como referência para a realização deste trabalho, a lógica identitária tem seus perigos e, nesse sentido, merece ser combatida. No entanto, esse combate é aqui entendido como problematização, indicando seus *contras*, mas também seus *prós*. É recomendável o hábito de refletir sobre nossas supostas verdades e conseqüentes práticas delas resultantes. Quanto a isso, o militante entrevistado demonstrou destreza, o que, inclusive, colaborou para a saída desse lugar de acusação. O paradoxo foi o ponto de chegada até aqui conquistado: a permanência da identidade em convívio com a sua problematização e o advento de outras lógicas. Isso é o que neste trabalho se considerou como uma lógica do múltiplo, onde conviveriam ideias as mais contraditórias possíveis que sustentariam o paradoxo, caracterizando, portanto, uma militância da diferença.

NOTAS

[i] Sigla referente às identidades de lésbicas, gueis, bissexuais e “trans”. Vale ressaltar que esta é a sigla utilizada no Brasil para referir-se a essa população. Na Bolívia, por exemplo, já se utiliza a sigla “TLGB”. Foi verificado também o uso da sigla “LGBTI”, incluindo os intersexuais.

[ii] O uso da palavra *guei* é um abasileiramento do inglês *gay*, utilizado pelo autor João Silvério Trevisan em seu livro *Devassos no Paraíso* como forma de criticar a postura segregacionista de uma classe de homossexuais ricos, com forte influência estrangeira e, portanto, segundo ele, *gays*. Foi escolhido o seu uso neste trabalho como uma homenagem à Trevisan, dada a sua importância na participação e divulgação das questões LGBTs.

BIBLIOGRAFIA

- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, J. Freire. A face e o verso: estudos sobre homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE,

Gilles; GUATTARI, Félix (Org.). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

ERIBON, D. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FISCHER, A. Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual. São Paulo: Ediuoro, 2008.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H.; RABINON, P (Org.). Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n° 2, p. 541-553, 2001.

MAGALHÃES, W. Ativistas falam sobre stonewall brasileiro. Disponível em: . Acesso em: 10 nov. 2009.

MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. Identidade gay: os preconceitos que cerceiam a tolerância. Revista Filosofia, São Paulo: Dibra Nova Escala, ano II, n° 22, p. 14-23, 2008.

MAYA, Acyr. O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? Revista Psychê, São Paulo: ano XI, n° 21, jul./dez., p. 85-104, 2007.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MISKOLCI, R. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Revista Sociologias, Porto Alegre: ano 11, n° 21, jan./jun., p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. Revista Teoria & Pesquisa, n° 47, p. 9-41, jul./dez, 2005.

NUNAN, A. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PAZZINATO, A. L.; SENISE, M. H. Valente. História Moderna e Contemporânea. São Paulo: Ática, 1994.

PROGRAMAÇÃO OFICIAL DA 14ª PARADA DE ORGULHO LGBT. Disponível em: . Acesso em: 5 ago. 2009.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). Cultura e subjetividade: saberes nômades. Papirus: Campinas, p. 19-24, 1997a.

ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (Org.). Cultura e subjetividade: saberes nômades. Papirus: Campinas, p. 25-34, 1997b.

ROLNIK, S. Guerra dos gêneros e guerra aos gêneros. Revista TRANS: Arts, Cultures, Media, Nova York: Passim, inc., n°3, p. 1-6, 1996.

ROSE, N. Como se deve fazer a história do eu? Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-58, 2001.

RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría de la sexualidad. In: VANCE, Carole S. (Org.). Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina. Madrid: Revolución, p. 113-190, 1989.

SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. Cadernos Pagu. Campinas. SP: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, p. 19-54, 2007.

TADEU, T (Org.). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TREVISAN, J. Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

¿QUÉ IDEAS SOBRE LA PARTICIPACIÓN EN SALUD CONSTRUYEN LAS Y LOS ADOLESCENTES? SU RELACIÓN CON LAS INFORMACIONES Y PRÁCTICAS DEL SISTEMA SANITARIO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES.

Grippe, Leticia
UBACYT, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires

RESUMEN

Las y los adolescentes fueron reconocidos como ciudadanas/os recién a partir de la Convención de los Derechos del Niño en 1989. Desde ese momento, las políticas públicas reconocen su derecho a la participación y promueven la creación de espacios institucionales participativos. En el campo de la salud de la Ciudad de Buenos Aires, el Programa Salud Integral de Adolescentes y Jóvenes reconoce el derecho a la participación en salud a usuarias/as adolescentes. El objetivo de la investigación fue conocer las representaciones sociales sobre la participación en salud que construyen las y los adolescentes a partir de la información que circula en el campo sanitario. Se trata de un estudio cualitativo de tipo exploratorio-descriptivo. En esta ponencia se presentan los resultados de los grupos focales con adolescentes usuarios/as del sistema público de salud del Bajo Flores y registro etnográfico en hospitales y centros de salud. Ellas/os asocian la participación en salud con problemas de salud específicos: las adicciones y los accidentes. El sistema sanitario constituye una opción de resolución de problemas sólo en el caso de los accidentes mientras que frente a las adicciones no es reconocido como una alternativa viable.

Palabras clave

Representaciones Adolescentes Participación Salud

ABSTRACT

WHAT IDEAS ABOUT HEALTH PARTICIPATION DO TEENAGERS CONSTRUCT? ITS RELATIONSHIPS WITH INFORMATION AND PRACTICE IN HEALTH SYSTEM.

Teenagers have been recognized as citizens only after the Convention on the Rights of the Child in 1989. Since that moment, public policies have recognized their right to participate and tried to create participative spaces in institutions. In Buenos Aires health system, the Program of Teenager and Youth Comprehensive Health recognizes teenagers' right to participate. The aim of this research was to describe social representations on health participation in teenagers, representations they construct from the information and practice they find in health field. The methodology design is qualitative, descriptive and exploratory. This paper shows the results from the focus groups with teenager users of public health system from Bajo Flores and ethnographic records in hospitals and health centres. Teenagers associate health participation with specific health problems: addictions and accidents. For them, the health system offers help only for accidents but not for addictions.

Key words

Representations Teenagers Participation Health